

O BUMBA MEU BOI EM TIMON: VISIBILIDADE, PERMANÊNCIA E RELIGIOSIDADE

Andrey da Silva Assunção¹

José Eduardo Rocha Viana²

Izabele Alves Santos³

Lara Regina da Silva Oliveira⁴

Maria Gezilda e Silva Nascimento⁵

Antonio Jorlan Soares de Abreu⁶

RESUMO

A cultura do bumba meu boi faz-se presente em todas as regiões brasileiras, está intimamente ligada ao processo de colonização/exploração desta terra. Presente inicialmente como força de trabalho nos engenhos de açúcar e concomitantemente como animal de tração, locomoção, criação e fonte de riqueza e alimentação. Deste processo, tradicionalmente o nordeste brasileiro se destacou com os vaqueiros campeadores, ação que ficou incorporada à lida do campo, ao modo de ser dessa gente, a forma de conduzir o gado, suas vestimentas e as cantorias. O folguedo surge a partir destes elementos e com a influência das tradições portuguesas. Forjado no hibridismo de povos originários, negros e europeus, o folguedo do boi é sinônimo de alegria, religião e resistência. Nosso objetivo é identificar como ocorre o processo de visibilidade, permanência e religiosidade nos grupos de bumba boi na cidade de Timon, utilizando-se dos métodos como levantamentos bibliográficos acerca desse tema, o uso de entrevistas semiestruturada e discussões em grupo. O trabalho/pesquisa tem como foco principal o reconhecimento desses grupos e de seus componentes de formação ao longo de sua história e aceitação pela comunidade timonense. Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a valorização dos grupos da cidade e do papel de cada um deles na sociedade, na promoção do respeito e desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a religiosidade na cidade e no país.

Palavras-chave: Folclore, Hibridismo, Resistência, Reconhecimento, Valorização.

INTRODUÇÃO

O boi animal, é presente nas mais diversas culturas, seja para o auxílio nas atividades laborais seja como elemento de posse/poder. Houve um tempo em que conquistar terras significava poder e riqueza, no Brasil a terra continua tendo grande valor, principalmente aquela que é utilizada para a criação e manejo do gado, implicando necessariamente com o sinônimo de riqueza.

¹ Acadêmico do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal - MA, silvaandrey@acad.ifma.edu.br;

² Acadêmico do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal - MA, izabelea@acad.ifma.edu.br;

³ Acadêmica do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal - MA, jose.eduardo@acad.ifma.edu.br;

⁴ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal - MA, lararegina@acad.ifma.edu.br;

⁵ Mestra em Biblioteconomia, Universidade Federal do Cariri - CE, maria.nascimento@ifma.edu.br;

⁶ Professor orientador: mestre em Ciências da Comunicação, Unisinos - RS, antonio.abreu@ifma.edu.br.

Neste trabalho trazemos para diálogo o boi na qualidade de festividade, cultura. O folguedo do Bumba Meu Boi, ele recebe várias nomenclaturas, conforme cada estado, mas aqui iremos tratar nos termos: Boi, Bumba Meu Boi, Bumba Boi, é uma tradição principalmente no nordeste brasileiro.

Os grupos de cultura de Bumba Boi, nasceram de um misto de criação do gado, religiosidade, festa de agradecimento e teatralidade, mas também é influência das comemorações realizadas pelos portugueses que aqui vieram.

No estado do Maranhão, somente na capital estão catalogados mais de 200 grupos que desenvolvem esta brincadeira. Sua presença é muito forte entre as cidades que compõem a baixada maranhense, no entanto, quanto mais distante da capital São Luís, este processo vai se dissipando.

Na cidade de Timon, localizada na parte leste do estado e distante mais 400km de São Luís, a cultura do Bumba Meu Boi procura visibilidade, manter viva a tradição e preservar a religiosidade. A cultura que reúne os traços da diversidade maranhense e que ressalta bastante o que de melhor a sociedade possui, é diminuto dentro de seu próprio estado. Conforme Fontenele (2002, p. 03)

O bumba-meu-boi é uma manifestação popular brasileira que conta com personagens humanos e animais, os quais cantam, dançam e interpretam histórias de caráter cômico e dramático. Uma das mais conhecidas é identificada como “auto do boi”. Nela, a personagem Catirina, esposa de Pai Francisco, está grávida e deseja comer a língua do boi preferido do patrão de seu companheiro. Ele realiza a vontade da amada, rouba e mata o animal. Depois, personagens como médicos, pajés e índios, tentam reviver o boi.

Isso posto, daremos continuidade detalhando a metodologia utilizada, apresentado o referencial teórico, apontando alguns resultados e fazendo algumas considerações.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de um projeto de iniciação científica com alunos do ensino médio técnico, contando com uma pesquisa de campo, com perguntas semiestruturadas, com o uso de uma câmera Canon T8i 850, para registro de imagens e um *smartphone* para a gravação de áudio.

O professor idealizador do projeto, conhecia um integrante de um dos bois da cidade, trata-se de um ex-aluno, ao contactá-lo explicou a respeito do projeto e se seria possível conceder uma entrevista. Neste momento já temos o ingresso de mais uma integrante no grupo de pesquisa, que chegou com a vantagem de já conhecer alguns grupos de Boi, pois havia participado de um deles.

Diante desta fonte, e a entrevista marcada com o primeiro grupo, fomos direcionados para mais dois grupos, que compartilharam o contato de *whatsapp*. Com este contato, marcamos o encontro com outro grupo e como efeito de uma bola de neve, um foi indicando o outro.

A *priore* achávamos que existia somente grupos no perímetro urbano da cidade, diante das indicações dos primeiros grupos de Bumba Meu Boi, chegamos à dois grupos presentes na zona rural, desta maneira totalizamos um número de sete.

As entrevistas na cidade foram realizadas com a presença de todos os componentes, onde se deslocavam de veículo próprio ou de carona com o professor ou dos próprios pais, na zona rural tivemos dois momentos, pois houve incompatibilidade de datas, apesar de estarem um próximo ao outro. Desta forma o primeiro deslocamento para a zona rural foi realizado com todos os componentes, tendo o professor pesquisador a responsabilidade de transportar, no encontro com o segundo grupo somente o professor e um dos alunos pesquisadores puderam comparecer.

Após cada entrevista realizada, um componente do grupo ficava responsável por fazer a transcrição da entrevista, desta forma todos teriam responsabilidades compartilhadas, outra forma de discussão era através dos encontros remotos ou presenciais, para discutir qual direcionamento tomar, a forma de abordar nas entrevistas, quais os próximos passos, quais os grupos que foram contactados, qual a data marcada, horário e local.

A cada reunião, uma ata era produzida, e como ocorreu com a transcrição, a cada encontro (presencial/remoto), um dos componentes estava de responsabilidade da produção do registro através da ata.

Na fase de entrevistas com os grupos de bumba meu boi, tivemos a oportunidade de conhecer seus espaços “sedes”, que são suas residências, o terreiro de suas casas e o espaço da rua, frente da casa, onde os ensaios são realizados, como também é espaço de união para a confecção das indumentárias, assim como história do grupo em si.

O grupo também contava com um *notebook*, que pertence ao grupo de pesquisa, e que era utilizada para descarregar as fotos e os áudios e conseqüentemente a confecção dos relatórios, atas e transcrição.

REFERENCIAL TEÓRICO

De forma com que essa cultura é vivíssima no estado do Maranhão, para ser mais específico, na região da Baixada Maranhense e na Ilha de São Luís. Nos demais municípios do um ou outro, ainda tenta configurar o folguedo como sua identidade, e foi diante deste preceito que se manifestou a pesquisa, tendo como objetivo identificar os grupos de bumba meu boi na

cidade de Timon, a pesquisa foi realizada identificando os graus de visibilidade, permanência e religiosidade nos grupos da cidade.

De maneira imediata foi observado que os grupos da cidade de Timon, enfrentam alguns problemas para poder se manter no "mercado" da cultura, principalmente em manter viva a identidade brincante do Bumba Boi, isso se passa por questões desde a infraestrutura, como locais adequados para apresentações e ensaios a questões orçamentárias e de identificação por parte do poder público, causando baixa visibilidade e reconhecimento da sociedade timonense sobre os grupos.

Verificamos que a comunidade timonense conhece pouco a respeito da existência dos seus grupos folclóricos, para Cruz (2008, p. 50) “Não há cultura que não seja ligada a uma dada sociedade, histórica e geograficamente situada. As culturas mudam porque estão imersas nas turbulências da história”. Estas turbulências passam pelo processo de apagamentos, substituições ou são colocadas à margem, sejam da própria sociedade, dos meios midiáticos, e/ou das escolas, centros responsáveis pelo processo de ensino/aprendizagem, mas também de preservar as tradições, as culturas, principalmente aquelas que pertencem ao seu contexto de vida e espacialidade.

Ressaltamos, que dentre os grupos persistentes e resistentes em Timon, o Boi Riso da Mocidade é considerado como o grupo mais velho, passando das nove décadas. Esta fala pode parecer destoante da contextualização feita logo acima, no entanto não é, mas sim, símbolo de resistência em preservar uma cultura, diante do baixo incentivo, valorização por parte do poder público, reconhecimento por parte dos órgãos que supostamente tratam de hábitos e costumes populares.

A brincadeira do Bumba Meu Boi, é um momento de celebração, para Abreu (2019, p. 2) “[...] a cultura do Bumba-Meu-Boi, uma manifestação cultural que tem sua origem surgida de festividades portuguesa”, que encontrou espaço em todo o território brasileiro, mas abrigo profícuo no seio da capital e baixada maranhense, e transformou-se em imagem totêmica do estado, reproduzindo fortemente como identidade visual representativa deste povo.

O período junino, momento de celebração dos folguedos no nordeste brasileiro, ficou morada com a brincadeira do Boi por estas paragens, apesar de também encontrar sua representatividade em outras regiões do Brasil, sua morada oficial é o Maranhão. Nesta terra não brinca quadrilha, nela, dança-se o Boi.

Festa esta, que possui toda uma ritualística, antes, durante e depois, contemplados com os ensaios, preparação das indumentárias e maquiagens, batismo, apresentações e morte.

Segundo Abreu (2022, p. 25) “O processo em circulação midiática desta manifestação cultural é sincrético costurada por etnias estigmatizadas (negros, pardos, indígenas)”.

É deste hibridismo de raças que o folgado do boi se reverbera e se veste no Maranhão, onde negros, pardos e indígenas cultuam suas divindades e celebram as boas colheitas. Antes uma festa de negros arruaceiros, hoje uma manifestação cultural midiaticizada, principalmente pelos grupos presentes na capital do estado.

A realidade vivenciada em Timon, ao toque das redes sociais e ao som das toadas, são perceptíveis quando se olha com rigidez de pesquisador ou com a criticidade de observadores culturais, o que pode ser notado desde as indumentárias, as postagens, maquiagens, performance e qualidade das imagens (fotografias).

Os grupos hoje em Timon correspondem a um número de sete, já foram quinze. Os quais encontram-se com dificuldades de dar prosseguimento a brincadeira, pois não conseguem respaldo por parte dos órgãos públicos em representá-los, possuem baixa visibilidade fora do período junino. Há de se considerar que os grupos existem durante todo o ano, não somente em junho ou julho.

A permanência dos grupos de Bumba Meu Boi, assim como a preservação desta cultura, que é a identidade visual e turística do estado, passa por conflitos que permeia a sua extinção, haja visto a distância que mantêm dos demais grupos, como referência à Ilha de São Luís e cidades de baixada, a falta de incentivos financeiros, a dificuldade para apresentações devido ao processo logístico, o alto custo com a aquisição da matéria prima para a confecção das indumentárias e a falta de interesse por parte dos jovens em dá prosseguimento à cultura, haja visto que poucas instituições, em especial de ensino, tem compromisso em divulgar, preservar e discutir (história e memória) desta riqueza de costume/cultura.

Enquanto isso, temos também a religiosidade, a alma sincrética desta cultura, que possui em suas bordas e miolo a essência da fé. Representada tanto pelas imagens cristãs católicas quanto por divindades afro-brasileiras e encantarias.

A riqueza desta cultura quando se refere a religião é grandiosa e acima de tudo resistente em sua essência mais íntima, pois por longos anos no Brasil teve a imposição do catolicismo como única religião, e mesmo após a instituição do estado laico, receosos devido a intransigência também de classe, cor e raça, os grupos/pessoas ficam apreensivos em demonstrar e professar sua fé, por medo de represália, discriminação e serem vítimas de atos de vandalismo e agressões devido a intolerância religiosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Situando-se no potencial que essa pesquisa proporcionou ressaltamos mais uma vez a grandiosidade que é a cultura do Bumba Boi no Maranhão e como essa cultura é tratada na cidade e vivenciada pelos grupos de Timon.

Percebemos a falta de incentivo à cultura dentro da cidade, além da alta dificuldade dos grupos se manterem ativos durante anos na cidade, como dito antes a princípio existiram cerca de 15/16 grupos na cidade e encontramos apenas 7.

Ainda chamando atenção para a questão da religiosidade, fica nítido a vergonha em declarar a qual religião os grupos pertencem, pelo medo de como os grupos serão julgados, o preconceito religioso ainda está altamente vivo na região e acarreta apenas mais um fator negativo para sua permanência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidirmos realizar essa pesquisa, ficamos com receio sobre se realmente iria dar certo, hoje podemos ter ela em mãos, desde o momento em que adotamos as metodologias, produzimos e aprendemos com essa cultura, o nosso dever era identificar os grupos de bumba meu boi da cidade e observar os fatores de permanência, visibilidade e religiosidade dos grupos, chegamos ao final com a sensação de dever cumprido em relação a pesquisa.

Ressaltamos que existe uma grande dificuldade dos grupos para se manterem, que chega a ser até descaso com essa cultura que é riquíssima e cheia de aprendizado no estado do Maranhão. Por fim, acreditamos que essa pesquisa seja uma forma de conhecer, aprender, prestigiar e propagar mais sobre essa cultura e que possa servir de incentivo aos órgãos públicos para que não abandonem os grupos e que não deixem essa cultura cair no esquecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Jorlan Soares de. Santidade Sem Altar: a cultura do bumba-meu-boi a midiaticização em torno de São Marçal. 42 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém-PA – 2 a 7 de setembro de 2019. **Anais do Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglelefndmkaj/https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1923-1.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

ABREU, Antônio Jorlan Soares de. **O Bumba Meu Boi Circulando nas Redes Sociais**. São Paulo: Dialética, 2022.

CRUZ, Mônica da Silva. **O Discurso pela F(r)esta**: espaço e produção de identidades. Araraquara-SP: Centrograf, 2008.

FONTENELE, Wesley. O Bumba-meu-Boi de Parnaíba (PI) em diferentes espaços: a rua, a arena e as lives junina. *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020.